REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)..	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

14.º ANNO — VOLUME XIV — N.º 442

1 DE ABRIL DE 1891

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA T. DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

Paraphraseando um velho proverbio para nosso uso proprio, podemos dizer que o chronista põe e a empreza de S. Carlos dispõe.

E assim foi.

Tencionavamos e tinhamos promettido tratar largamente n'esta chronica da opera do maestro Gazul, de que na nossa ultima chronica apenas podemos dar rapida noticia, escripta a correr na occasião de rever as provas do OCCIDENTE, e temos que faltar á nossa promessa.

Dissemos, e é verdade em relação a todas as operas e muito principalmente em relação a uma opera como o *Frei Luiz de Sousa*, que não podiamos fazer uma apreciação consciencioso da opera do maestro Gazul só por uma unica audição e que um trabalho largamente meditado e executado como o do illustre compositor portuguez só depois de muitas audições podia ser devidamente entendido e apreciado, e no fim de contas a empreza de S. Carlos deu só duas representações d'essa opera; não por menos attenção para com a opera do maestro Gazul, não porque essa opera não tivesse agradado ao publico, mas apenas por essa velha costumeira que é tradicional em S. Carlos com todas as emprezas, e que nós de maneira nenhuma podemos comprehender, de deixar sempre para o fim da epoca, para o levantar da feira, a apresentação da opera *d'obligo*.

A não ser por isto mesmo, por ser de obrigação a opera, e por tanto entrar na regra muito humana e muito commum do dever custar sempre a cumprir, não podemos accertar com o motivo d'essa usança tão disparatada quão geralmente seguida.

Uma vez já nos explicaram que as emprezas reservando sempre para o fim da epocha, para a *bonne bouche* a novidade lyrica tinham unicamente em mira prender os assignantes que fazendo as suas assignaturas por tres periodos, se, chegassem ao fim do primeiro ou segundo periodo e não vissem no horisonte alguma novidade que os tentasse, podiam largar a assignatura, vindo assim o engodo da opera nova a representar na administração theatral o mesmo papel de isca, que no jornalismo representa o romance novo, que se principia sempre quando está a terminar a epocha mais geral da assignatura, o trimestre ou o semestre.

Dando porém de barato que este expediente de administração seja bem entendido, elle justificaria que a opera nova se desse no terceiro periodo da assignatura, mas esse ultimo periodo é de 30 recitas e o que não se justifica nem se explica é que essa opera nova se dê apenas exactamente no fim d'essas ultimas 30 recitas, com manifesto, prejuizo da empreza que gasta dinheiro em montar uma opera com scenario e vestuario todo novo e que a põe ao fechar do theatro, de modo que, mesmo que essa opera nova tenha um extraordinario successo, a não pode explorar, matando-a logo á nascença por mais brilhante que essa nascença seja.

É certo que não ha nenhum, absolutamente nenhum argumento que possa explicar este uso das emprezas de S. Carlos, mas não é menos certo que todas ellas o põem em pratica com uma pontualidade infallivel, como se tivessem uma legião de boas razões a defender a costumeira, e que houve mesmo um anno em que uma empreza pôz a opera nova da epocha, na noite de fechar o theatro — foi o *Conde Ory* de Rossini, se a memoria nos não mente — e que este anno a opera do maestro Gasul teve quasi a mesma sorte, não teve só uma representação, mas não passou de duas.

E para nós teve só uma, porque não calculando que o *Frei Luiz de Sousa* desapparecesse logo do cartaz, imaginando que ainda o teriamos mais algumas noites, não fomos a essa segunda recita ficando ape-

FRANCISO DE FREITAS GAZUL

(Segundo um cliché da photographia Phœbos)

nas com uma unica audição da opera do illustre maestro a quem nos prendem de ha muito os laços da mais profunda consideração e estima.

Por essa unica audição não podemos de modo nenhum fazer uma opinião segura e completa do *Frei Luiz de Sousa*, mas para não faltarmos em absoluto á nossa promessa vamos dizer aqui muito rapidamente e sem a mais ligeira pretensão a critica musical, a impressão pessoal que a opera de Gazul nos produziu na unica vez que a ouvimos.

Devemos começar por declarar que nos pareceu pouco feliz a escolha do *libretto*.

O *Frei Luiz de Sousa* é um drama muito intimo de mais para dar um bom *libretto* de opera. A acção é dramatica, é tragica mesmo, mas as situações são poucas e parece-me que n'um *libretto* d'opera se deve attender ás situações, motivo porque um dos primeiros *librettistas* do seculo foi Eugenio Scribe — o librettista favorito de Meyerbeer — que se como dramaturgo e como litterato deixava muito a desejar, como fazedor de *scenarios*, como *arranjador* de situações era inegavelmente de primeira ordem.

O assumpto do *Frei Luiz de Sousa* é d'uma indole tão especial que Garret para lhe manter a sua austera simplicidade não o quiz fazer em verso, elle o grande poeta do *Camões* que manejava o verso como poucos poetas o tem manejado.

«O que escrevi em prosa podéra escrevel-o em verso, diz elle na *memoria* com que apresentou o *Frei Luiz de Sousa* no conservatorio e o nosso verso solto está provado que é docil e ingenuo bastante para dar todos os effeitos d'arte sem quebrar na natureza. Mas sempre havia de apparecer mais artificio do que a indole especial do assumpto podesse soffrer.»

E é claro que se á indole do assumpto era de mais o artificio do verso, muito mais o é de certo o artificio da musica.

Alem d'isso a mudança do drama para *libretto* foi feita com uma infelicidade enorme.

O librettista teve medo, e com razão da responsabilidade de alterar uma obra prima consagrada, não se atreveu a mecher no drama, a alterar lhe a forma, a ordem das scenas, a contextura theatral, como era indispensavel fazer pois são mui diversas as leis que regem um *libretto d'opera* e uma peça theatral, mas fez-lhe um corte n'um acto que é tudo o que ha de mais desastrado em theatro, que é um verdadeiro sacrilegio!

O acto assim cortado dá um effeito comico desopillante que nunca ninguem foi capaz de adivinhar no drama de Garret.

Para fazer um *libretto* em quatro actos o *librettista* fez do segundo acto dois, e fel-o sem o menor criterio.

Agarrou no segundo acto e cortou-o sem ceremonia na scena em que Maria parte com seu pae para Lisboa, deixando em Almada Magdalena toda cheia de lugubres presentimentos porque n'esse dia faz annos que casou a primeira vez, faz annos que se perdeu El-Rei D. Sebastião, faz annos que viu pela primeira vez Manuel de Sousa.

No drama, a despedida de Magdalena de sua filha, os cuidados que por ella tem, os presentimentos vagos que a perseguem são tratados com uma singeleza e uma sentimentalidade delicada e encantadora.

O *libretto* transformou esse estado psycologico muito especial d'um personagem, n'uma situação de final d'acto, e d'ahi o comico enorme que resulta d'essa despedida cheia de lagrimas, com choro de toda a familia, e unisono de coristas aterrados, como se Manuel de Sousa e sua filha partissem para a Palestina a combater os infieis, quando no fim de contas se trata apenas d'uma familia que está em Almada cujo chefe vem pacatamente dar uma volta a Lisboa.

No terceiro acto do libretto (2.º do drama) o librettista entendeu tambem por sua conta e risco alterar a phrase final do romeiro, e juntar ao celebre *ninguem* de D. José de Portugal um *sou aquelle!* que é perfeitamente idiota e destroe completamente o grande effeito da phrase.

Notamos os defeitos capitaes do *libretto* que saltam logo á primeira vista: agora as qualidades ou defeitos da partitura, são muito menos faceis de notar, ouvida ella só uma vez.

Que no auctor d'aquella musica ha um mestre consumado, vê-se logo pela riqueza extraordinaria d'aquella instrumentação, pelos poderosos effeitos de orchestra, pela sciencia musical que ha na contestura trabalhosissima de toda a opera.

Algumas bellezas de mais facil accesso vêm logo ao nosso encontro na primeira audição, como por exemplo o monologo de Magdalena no 1.º acto, o soneto de Maria, o tercetto do terceiro acto e o tercetto final da opera.

Outros trechos parecem-nos confusos, fogem á nossa percepção, e finalmente outros fatigam-nos decerto por mais difficeis ainda de comprehender, como por exemplo o duetto do Romeiro e Telmo Paes no ultimo acto.

Lamentamos muito não termos podido ouvir mais vezes a opera de Gazul, para mais familiarisados com ella lhe conhecermos então maior numero de bellezas, mas o que é evidente é que o *Frei Luiz de Sousa* é um trabalho artistico de grande folego que faz honra ao seu auctor e honra á musica portugueza.

Felicitamos sinceramente o illustre maestro pela sua brilhante estreia no drama lyrico, estreia a que o publico fez completa justiça chamando-o numerosas vezes ao proscenio e applaudindo-o ruidosamente.

*
* *

O talentoso actor Julio Soller do theatro do Gymnasio, um actor muito distincto que é um dos melhores *diseurs* do nosso theatro, fez beneficio no dia 28 de março com a 1.ª representação d'uma comedia em 3 actos, *Educação Moderna*, original da Sr.ª D. Guiomar Torresão.

Está no fim a nossa chronica e não temos espaço para noticia desenvolvida d'esse beneficio e d'essa representação, sendo do nosso dever louvar o beneficiado que escolheu para a sua festa artistica um original portuguez.

Da peça e do seu desempenho fallaremos mais de espaço.

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

FRANCISCO DE FREITAS GAZUL

Dando hoje o retrato do maestro distinctissimo, que a representação do *Frei Luiz de Sousa* poz em evidencia, queriamos acompanhar este retrato com a biographia completa do illustre compositor. Fallecem-nos porém apontamentos para isso, e não era com certeza Gazul, que tem atravessado a vida embrulhado na sua modestia extraordinaria, que nos forneceria esses apontamentos, se por acaso lh'os pedissemos.

Da vida de Gazul sabe-se, o que é do dominio de toda a gente, os seus triumphos artisticos, os seus continuos labores de trabalhador indefeso, todos esses documentos frizantes do seu notavel valor artistico.

Em 1856, o nome de Francisco de Freitas Gazul, apparece-nos como um dos laureados do curso de rudimentos no Conservatorio Real de Lisboa, Conservatorio d'onde hoje é um dos mais illustres professores.

Feito o curso de rudimentos estudou o curso de violoncello, o de harmonia, o de contra-ponto, sendo sempre distinctissimo, e durante a sua estada no Conservatorio, como alumno, compoz uma *ouverture*, que foi executada pelos seus collegas, n'uma festa d'aquelle estabelecimento. Quando em 1859 o chorado maestro Guilherme Cossoul foi nomeado director da orchestra de S. Carlos, Freitas Gazul foi chamado para fazer parte da mesma orchestra, sendo d'ali a oito annos nomeado em concurso aberto, 2.º violoncello, do mesmo theatro.

Em 1875 a empresa do theatro de S. João do Porto, contractou-o para seu maestro ensaiador. Gazul foi, e ahi ensaiou com notavel proficiencia, o *Guilherme Tell*, o *Barbeiro*, o *Baile de mascaras*, etc. De volta a Lisboa Gazul esteve um tempo maestro do theatro da Rua dos Condes, onde escreveu a musica para varias magicas e operettas. Depois, muito feliz n'esses seus primeiros trabalhos theatraes, coordenou a musica para as parodias da *Lucrecia*, da *Traviata* e do *Elixir de amor*, arranjou numeros de musica para varias peças do theatro de D. Maria, até que ha sete ou oito annos, quando o maestro Rogel deixou de ser ensaiador do theatro da Trindade, Francisco Palha convidou Gazul para esse cargo, cargo que ainda hoje occupa, e de que se tem desempenhado com notavel talento, com raro zelo e intelligencia. Francisco Palha tinha pelo illustre maestro a mais profunda estima, e a mais alta consideração.

Na Trindade, todos os artistas são doidos por elle, porque Gazul sendo pela sua arte um mestre consumado, é pela sua delicadeza, pela sua affabilidade, pela sua rara modestia, o mais estimavel dos companheiros.

E' já enorme a bagagem artistica de Freitas Gazul. A Trindade tem dado um grande numero de operettas suas, que todas têm agradado, mas em torno das quaes se não tem feito bulha, porque Gazul detesta o réclame. São numerosas tambem as suas obras sacras, e entre missas e *te-deus*, ha algumas verdadeiramente notaveis, e que figuram na primeira plana no genero.

Gazul, escreveu o seu *Frei Luiz de Sousa* ha oito ou dez annos destinando-o ao theatro de S. João do Porto; a empresa desmanchou-se, o theatro fechou, e Gazul nunca fallou a ninguem na sua opera, nunca pensou em fazel-a representar em S. Carlos. Ha trez annos indo uma vez o pobre Campos Valdez visitar Gazul a casa, viu sobre a sua meza de trabalho, a partitura do *Frei Luiz*. Perguntou-lhe o que aquillo era, Gazul disse-lh'o, e Valdez pensou logo em fazer representar essa opera. Estava tudo tratado para isso, quando a morte arrebatou o illustre emprezario. Augusto Machado, notavel maestro que lhe succedeu na direcção do theatro lyrico, tomou como seu o compromisso de Valdez, e o *Frei Luiz de Sousa* acaba de ser representado, valendo uma grande ovação a Gazul, que muito embaçado com os olhos rasos de lagrimas, dizia a todos, que lhe parecia aquillo ainda um sonho, que nunca imaginara ouvir cantar a sua opera. O *Frei Luiz de Sousa* é um documento brilhante do profundo saber de Freitas Gazul. E' a obra d'um verdadeiro mestre.

O publico fez-lhe justiça e Gazul teve uma verdadeira acclamação.

GREGORIO GABRIELESCO

Ha muitos annos que um tenor, a não ser celebridade, não produz no publico de Lisboa a impressão, que produziu o distincto artista de quem hoje damos o retrato, e a quem coube a parte de protogonista na opera *d'obligo* da estação, o *Frei Luiz de Sousa* do maestro Gazul.

Gabrielesco estreiou-se em S. Carlos na *Aida*. Vinha precedido de fama, o que não queria dizer nada, porque de fama teem vindo precedidos muitos tenores, que se teem ido embora pateados. E agradou francamente na primeira noite. A sua voz era d'um timbre magnifico, e apezar de se reconhecer perfeitamente que o artista estava muito nervoso e muito preoccupado com a sua estreia, Gabrielesco cantou muito bem a parte de Radamés, e representou-a com uma intelligencia, e um bom criterio artistico, que não estamos muito acostumados a ver nos tenores, nem mesmo nos melhores.

No publico estabeleceu-se logo uma corrente muito favoravel ao grande artista. Mas veio o *Fausto*, e a bôa impressão primeira, produzida por Gabrielesco levou um baque enorme. Na opera de Gounod, em que tantas mediocridades teem passado, Gabrielesco não conseguiu passar. Desagradou francamente o illustre tenor; não parecia o mesmo da *Aida*. A voz pouco malleavel e rebelde ao canto suave, parecia ter um timbre muito differente d'aquelle que tanto nos agradou. Mais um tenor ao mar, disseram quasi todos os *diletanti*; e julgou-se que o reportorio de Gabrielesco fôsse como a tragedia do poeta, *da Sociedade onde a gente se aborrece*, não tivesse senão um verso bonito, a *Aida*. Chegou mesmo a fallar-se em recisão do encontracto, e de facto houve uma modificação, qualquer na escriptura de Gabrielesco, porque sentindo-se muito mal da garganta, ainda em consequencia do resfriamento que apanhou no naufragio do paquete em que veiu para Lisboa, Gabrielesco entendeu precisar d'um tratamento regular, e não poder continuar a cantar assim, com manifesto prejuizo da sua reputação artistica e dos interesses do publico. Teve 15 dias de descanço, e de tratamento. No fim d'elles reappareceu no *Rei de Lahore*, em que teve um successo enorme; esse successo foi maior ainda no Othelo, e d'ahi por deante, em todas as operas, que Gabrielesco cantou o seu successo foi subindo a ponto de, no fim da época, a empreza em vez de lhe rescindir o contracto, o escripturou logo para a futura época, com grande aprazimento de todo o publico, que ha muito tempo não ouve em S. Carlos, por preços ordinarios, tenor que tanto lhe agrade.

Gabrielesco é muito novo ainda, tem apenas 31 annos, pois nasceu em Craiova (Roumania) em 1859; possue uma esplendida voz, uma das melhores vozes de tenor, que temos ouvido. Tem talento, o que não é vulgar entre os tenores; formado em direito em Buckarest, possue uma educação e illustração scientifica, muito brilhante. Tem um grande amor ao theatro, amor que o obrigou depois de feitos os seus estudos a fugir da carreira, a que sua familia o destinava, a magistratura, para os bastidores do theatro de Ope

ra comica, e tudo faz prevêr que Gabrielesco, já hoje estrella de primeira grandeza no mundo lyrico, seja muito em breve um tenor celebre, um d'esses tenores que fazem bulha no mundo, que se pagam a contos de réis. Gabrielesco debutou em Buckarest, na opera comica do celebre Alexandre, *Pepella*. Teve um grande successo, e depois de cantar mais quatro ou cinco operas comicas, debutou na Opera lyrica, cantando a *Linda de Chamounix*, e depois a *Traviata* com a Patti, e o *Fausto* com a Theodorini, sua illustre patricia.

O emprezario italiano Pontelli, prevendo o brilhante futuro do joven tenor escripturou-o para inaugurar o Politeama, de Trévise, com a *Aida*. Ahi cantou tambem o *Ernani*, passando em seguida a Genova, onde cantou 14 vezes a fio a *Gioconda*. Admittido da Scala de Milão, teve um grande exito no *Nestorio*, do maestro Gaglignani, e em muitas outras operas. Em 1888 fez a sua primeira *tournée* artistica pela America, com ruidosos triumphos. De volta á Europa o seu reportorio foi augmentando e com elle a sua fama, a ponto de hoje, ser já considerado um dos primeiros, tenores muito perto já de ser um dos unicos.

Gabrielesco tem a realçar-lhe todas as suas brilhantes qualidades artisticas, as suas altas qualidades pessoaes. E' um *gentil-homme accomplis*. Não ha artista mais modesto, caracter mais leal, coração mais bondoso, companheiro mais encantador.

O VAPOR «MAC MAHON»

QUE APRESOU O «COUNTESS OF CARNARVON» NO RIO LIMPOPO

Os ultimos telegrammas de Moçambique trouxeram a noticia do apresamento, no rio Limpopo, de um vapor inglez pelo vapor da marinha de guerra portugueza o *Mac-Mahon*.

A rasão d'este apresamento foi o vapor inglez *Countess of Carnarvon* assim se chama, conduzir armas e munições de guerra para a *Sout African Company* atravez d'aguas portuguezas, contra as leis, tratados e condições estabelecidas pelo *Modus Vivendi* entre a Inglaterra e Portugal.

O vapor inglez foi intimado pelas auctoridades portuguezas do Limpopo para que se deixasse visitar ou retrocedesse na sua marcha mas o commandante do *Countess of Carnarvon* não obedeceu a esta intimação e proseguiu rio acima com toda a força.

Este facto obrigou as auctoridades portuguezas a telegrapharem para Lourenço Marques, participando o caso e pedindo auxilio, sendo enviado immediatamente o pequeno vapor *Mac-Mahon* que, largando toda a força das machinas, conseguiu apanhar a marcha do vapor inglez e obrigal-o a retroceder, levando-o preso para Lourenço Marques.

Não dizem os telegrammas se houve resistencia, mas o que é certo é que o *Mac-Mahon* não passa de um pequeno barco, exactamente o contrario do que algumas folhas inglezas teem dito, como que para insinuarem que da parte dos portuguezes houve abuso de força, alem do muito que lhe custa o verem transtornados os seus planos de pirateria, que são o seu forte.

E', pois, para que se conheça bem a lealdade com que Portugal procede sempre para com os seus inimigos, que ahi pomos bem em evidencia, nas paginas do OCCIDENTE, o desenho do *Mac-Mahon* que não passa de um vapor de reboque e fiscalisação aduaneira, fim para que foi feito em Inglaterra e mandado para a Africa Oriental.

A REVOLTA MILITAR DO PORTO

OS CONSELHOS DE GUERRA

Vimos hoje dar conta aos nossos leitores da fórma como se constituiram os conselhos de guerra que julgaram os implicados na revolta militar do Porto, occorrida na madrugada do dia 31 de Janeiro, revolta de que demos noticia e desenhos em o n.º 437 do OCCIDENTE.

Procuraremos resumir quanto possivel esta noticia, cujo unico fim é archivar n'estas paginas um acontecimento que, pela sua natureza, constitue um dos factos mais importantes da historia dos nossos dias, acompanhando esta breve noticia com as gravuras que representam o tribunal constituido a bordo do transporte *India* e os presos detidos a bordo do mesmo navio, o que dará ao leitor uma melhor idéa de como funccionaram os conselhos de guerra.

Foi no dia 28 de fevereiro que os tribunaes se constituiram definitivamente para o julgamento dos reus, formando tres conselhos de guerra que funccionaram ao mesmo tempo, e do seguinte modo:

1.º Conselho, a bordo do vapor *Moçambique*, pertencente á Mala Real Portugueza, e fretado pelo Governo para este fim, pela quantia de réis 450$000 diarios. O tribunal foi assim constituido: Presidente, sr. Gonçalves Pereira, coronel de infanteria 19; Auditor, sr. dr. Caetano Brandão; Promotor, capitão Corrêa; Defensor, capitão Fernando Maia; Vogaes: o major da Praça de Valença, sr. Fernando A. Cardoso, capitães srs. Pinto Machado de infanteria 13, Albuquerque Dias de infanteria 20 e o tenente do mesmo regimento, sr. Oliveira Guimarães; Supplentes: srs. Mattos, coronel de caçadores 3, Esteves Mascarenhas, capitão de infanteria 3.

Além do defensor já nomeado, foi encarregado da defeza do reu Santos Cardoso o alferes sr. Santos, fazendo tambem a defeza os advogados srs. drs. Themudo Rangel, Bernardo Lucas e Pires de Lima.

2.º Conselho, a bordo da corveta *Bartholomeu Dias*. Presidente, sr. Pereira Chaby, coronel de infanteria 6; Auditor, sr. dr. Ernesto Kopke da Fonseca Gouveia; Promotor, sr. capitão Lamare; Defensor, sr. capitão Vasconcellos; Vogaes: srs. Gomes Ribeiro, tenente coronel de infanteria 6, Louzada, major de infanteria 13, Carvalhal, major de infanteria 10, Mendes, capitão de caçadores 3 e Teixeira, capitão de infanteria 9; Supplentes: srs. Souza Guimarães, coronel de infanteria e Lorena, capitão de infanteria 13.

3.º Conselho, a bordo do transporte *India*. Presidente, sr. Costa, tenente coronel de infanteria 13; Auditor, sr. dr. Abel Pereira do Valle; Promotor, sr. tenente coronel Chaby; Defensor, sr. major Salomão; Vogaes: srs Mesquita, major de infanteria 6, Menezes, capitão de engenheria, Real, capitão de caçadores 3, Rocha, tenente de caçadores 7 e Ferreira, alferes de infanteria 3; Supplentes: srs. Pimenta da Gama, tenente coronel de infanteria 3, Marques, capitão de infanteria 8.

Em todos os conselhos havia logar reservado para a imprensa, com mesas e tinteiros para os representantes dos jornaes tomarem os apontamentos precisos.

No primeiro conselho de guerra foram julgados 153 reus, sendo 131 militares e 22 paizanos. Os depoimentos das testemunhas de accusação e testemunhas de defeza duraram até ao dia 7 de março, dia em que principiou tambem o interrogatorio dos reus que se prolongou até ao dia 11. No dia 12 começaram os debates que concluiram no dia 14.

No segundo conselho de guerra foram julgados 185 reus, todos militares. Os depoimentos das testemunhas de accusação e de defeza concluiram no dia 5 de março e n'esse mesmo dia principiou o interrogatorio dos réus que só terminou no dia 17 pela rasão do temporal ter obrigado a retirar de Leixões a corveta *Bartholomeu Dias*, a qual só teve tempo de desembarcar para o pontão os presos no dia 12, fazendo-se logo ao largo. Estes presos foram depois transportados para bordo do *Moçambique* onde continuou a funccionar o segundo conselho de guerra, principiando e concluindo o interrogatorio dos reus, no mesmo dia 17 e seguindo-se os debates, para o que houve sessão nocturna para que tudo se concluisse n'este dia.

O terceiro conselho de guerra julgou 189 réus, todos militares. Os depoimentos das testemunhas de accusação e de defeza terminaram no dia 6 de março, principiando em seguida o interrogatorio dos réus que durou até ao dia 12 e seguindo-se os debates que concluiram no dia 14.

As sentenças foram publicadas no dia 23.

As do primeiro conselho são as seguintes:

Condemnou a 6 annos de prisão cellular ou na alternativa de 9 de degredo:

1.º sargento de caçadores 9, Abilio Francisco de Jesus. 2.º sargento de caçadores 9, Joaquim Antunes Galho.

A 5 annos de deportação:

Corneteiro de caçadores 9, Abilio Teixeira, corneteiro de caçadores 9, Duarte Sousa Vaz, soldado de caçadores 9, Abilio Gonçalves Rodrigues.

A 4 annos de prisão cellular ou alternativa de 6 annos de degredo o 2.º sargento de caçadores 9, Manuel da Silva Nunes.

A 4 annos de prisão cellular seguidos de 8 de degredo ou na alternativa de 15, o reu civil H. J. Santos Cardosó.

A 4 annos de prisão cellular ou alternativa de 6 de degredo, o reu civil João Pinheiro Chagas.

A 4 annos de deportação o 1.º cabo, A. A. R. Corrêa de Sá e o 1.º cabo Manuel Rosa Pinto de Almeida.

A 3 annos e meio de deportação os cabos A. J. da Silva, José Patricio Valentim, R. Pinto, Manuel R. Gomes, João, n.º 71, Amaro, Coelho Ramalho, Joaquim Ferreira Costa, Antonio Santos Araujo, soldado João Francisco de Barros, corneteiros Albino Teixeira, Manuel de Sousa, Bernardo Pinto da Silva Santos, soldados Eduardo Ferreira, Antonio Jose Ferreira, Domingos n.º 65, Victor V. Barbosa, Maximiano, n.º 7, Antonio Santos, Manuel da Silva, Joaquim Vieira Silva Leitão, Crispim, n.º 30, Joaquim n.º 45, Manuel, n.º 47, José Rodrigues, Salvador de Silva, Antonio Guedes, José da Silva, Antonio Ferreira, Antonio Pinto, José Marques Pinto, Domingues Pedrosa, Manuel, n.º 30, Manuel Alves Ferreira, Antonio Caseiro, Antonio de Oliveira, todos de caçadores 9.

A 3 annos de deportação: Os 1.ºs cabos, Augusto Moura, J. Affonso Silva, Antonio Rocha, Francisco Santos Videira, J. Dias Coelho, Victorino Dias Leite, Manuel da Costa, Alvaro, n.º 70, Alfredo F. Velludo, J. Santos Baptista, João Gonçalves, Joaquim da Costa Monteiro, Joaquim, n.º 46, Victorino, n.º 9, João da Silva Gomes, corneteiro Edoardo Reis, soldados Manuel José Ribeiro, Manuel Fernandes, J. Moreira, Manuel Pereira, Manuel de Oliveira, Eduardo, n.º 11, Jacintho, n.º 32, Adolpho A. da Silva, Antonio, n.º 28, Joaquim Lopes de Sá, Miguel Ferreira da Silva, José Dias Cubiça, Amandio A. S. Brandão, Vicente, n.º 52, José Martins, Antonio Rodrigues Cardoso, Agostinho José Garcia, Alfredo Thomaz dos Reis, Domingos Leite, J. Carvalho, Joaquim, n.º 17, Antonio F. de Castro, Antonio Fragoso Pereira, Manuel Dias Resende, Manuel de Oliveira, José Pinto da Silva, José Dias de Pinho, Domingos Canedo, Joaquim Leite da Silva, Luciano da Rocha, todos de caçadores 9.

A 2 annos de prisão cellular ou alternativa de 3 de degredo: Os cabos Galileu Pinto Moreira, José Oliveira Bemfeito, e o reu civil Miguel H. Verdial.

A 2 annos de correcional o reu civil Eduardo Affonso de Sousa.

A 18 mezes de correcional os reus civis Joaquim Felizardo Lima, Joaquim José Amoinho Lopes e Manuel Pereira da Cotta.

Os restantes accusados perante este conselho onde estavam todos os civis, foram absolvidos.

As sentenças do segundo conselho são:

Condemnou a 6 annos de prisão cellular seguidos de 10 de degredo ou 20 em possessão de primeira classe, o capitão Antonio do Amaral Leitão.

A 4 annos de prisão cellular ou 6 de degredo: 1.º sargento de infanteria 10, Joaquim Bernardo Pinheiro. 1.º sargento de infanteria 10, João Nunes Folgado. 1.º sargento de infanteria 10, Thadeu Gonçalves Freitas. 2.º sargento de infanteria 10, Antonio Pinto Villela. 2.º sargento de infanteria 18, Hermenegildo Pereira Silva. 2.º sargento de infanteria 18, Alexandre Figueiredo. 2.º sargento de infanteria 18, Abilio Vasconcellos Cardoso.

A 5 annos de degredo em primeira classe, o 1.º cabo de infanteria 10, Thomaz Bastos.

Foram absolvidos: 1.º sargento de infanteria 10, José Coelho Almeida, musico de infanteria 10, Manuel Diogo Capello, musico de infanteria 10, Augusto Rebello, musico aprendiz, João Soeiro, espingardeiro, Albino Pacheco Almeida, soldados de infanteria 10, José Joaquim de Oliveira, Antonio, n.º 17, João n.º 7, Carlos, n.º 9, Manuel n.º 38, Manuel n.º 9, José Cardoso, José, n.º 5, Eugenio Almeida Rangel, Antonio, n.º 15, Joaquim Curado Teixeira, Antonio, n.º 8, José n.º 4, Alfredo, n.º 18, Francisco, n.º 13, Florido, n.º 11, Augusto Ferreira, Antonio, n.º 32, Francisco Amado, Julio, n.º 14, corneteiro, Joaquim d'Oliveira, tambor, Alberto Carneiro, soldado de infanteria 18, Manuel Paiva, tambor de infanteria 18, Joaquim Pinto Valle.

Os restantes d'este conselho foram condemnados a 3 annos de degredo para possessão de primeira e segunda classe.

As sentenças do 3.º conselho são:

Condemnou a 4 annos de prisão cellular seguidos de 8 de degredo ou na alternativa de pena fixa de degredo em qualquer possessão de primeira classe: 1.º sargento da guarda fiscal, Guilherme da Rocha, 2.º sargento da guarda fiscal, A. Miranda de Barros, 2.º sargento da guarda fiscal, M. Nunes de Pinho, 1.º cabo da guarda fiscal, João Borges, 2.º sargento de infanteria 19, Alfredo Fernandes.

A 4 annos de prisão cellular na alternativa de 6 de degredo em qualquer possessão de primeira classe: 2.º cabo da guarda fiscal, João Ferreira Pires, Soldado da guarda fiscal n.º 165, Justino.

A 18 mezes de prisão militar: 2.º cabo de guarda fiscal, Luiz Antonio da Cunha, soldados da guarda fiscal: A. Abel, H. Parente, Lucio Ribeiro, Adelino Ferreira Rodrigues, Balthazar Augusto.

Os restantes accusados que respondiam n'este conselho, praças da guarda fiscal e addidas dos differentes corpos, foram absolvidos, incluindo o alferes Trindade.

Das sentenças do primeiro conselho recorreram para o Tribunal Superior de Guerra e Marinha os reus: Santos Cardoso, Manuel de Oliveira, Valentim Ribeiro Pinto.

Das sentenças do 2.º conselho, recorreram: os reus Antonio do Amaral Leitão, Antonio Pinto Villela, Pedro Amaral Botto Machado, José da Cruz Lopes, Thomaz Bastos, Gaspar Nunes Teixeira e o promotor sr. capitão Lamare com respeito aos reus condemnados por errada qualificação do delicto em relação aos factos julgados provados. Em consequencia d'este recurso as sentenças do 2.º conselho de guerra não passaram em julgado.

Os condemnados no 3.º conselho de guerra em numero de 13, recorreram todos da sentença. O promotor sr. tenente coronel Chaby recorreu pelas mesmas causas do 2.º conselho de guerra pelo que as sentenças tambem não passaram em julgado.

Os presos foram conduzidos para Lisboa, a bordo do transporte *India* e vapor *Moçambique*, onde chegaram no dia 26 de março, sendo enviados parte para o forte de Sacavem e a outra parte para o do alto do Duque.

As decisões do Supremo Tribunal de Guerra e Marinha só serão dadas no dia 3 do corrente.

Eis em resumo o resultado final dos conselhos de guerra que funccionaram 24 dias até á publicação das sentenças.

S.

REAL THEATRO DE S. CARLOS

O TENOR GREGORIO GABRIELESCO

(Segundo uma photographia de A. Bobone)

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO

(Continuado do n.º 441)

A entrada do exercito liberal em Lisboa, no dia 24 de julho de 1833, depois da sua marcha triumphante atravez do Algarve e do Alemtejo, não foi, como se sabe, a ultima palavra d'essa campanha gloriosa. Em Lisboa, como no Porto, teve que se sustentar uma lucta desesperada, para que as tropas de D. Miguel, á frente das quaes vinha o marechal Bourmont, não retomassem a cidade, sendo esta defendida valorosamente nas linhas pelo exercito liberal, em que se contava o batalhão de voluntarios academicos e de que fazia parte José Silvestre Ribeiro.

Foi elle tambem um dos mais valorosos defensores da capital, como o fôra na Serra do Pilar, e durante todo o tempo d'essa defesa, desde setembro até outubro, o valente liberal acompanhou os seus irmãos d'armas, batendo-se como os que melhor sabiam defender a liberdade da patria.

Só depôz as armas quando a campanha terminou e o governo mandou dissolver o batalhão academico, em 16 de junho de 1834.

*
* *

Começa aqui uma nova feição da vida de José Silvestre Ribeiro; começa a sua carreira administrativa, em que, depois de ter provado o seu valor militar, affirma a sua grande capacidade para os cargos da publica administração e revela todos os thesouros da bondade

A REVOLTA MILITAR NA CIDADE DO PORTO

OS CONSELHOS DE GUERRA

3.º CONSELHO DE GUERRA FUNCCIONANDO A BORDO DO TRANSPORTE «INDIA»

(Segundo uma photographia de E. Biel & C.ª)

do seu coração generoso, onde não tem logar a vingança ou mesquinhas represalias de antagonismos politicos.

Sempre assim o provou na sua longa carreira administrativa, principiada no cargo de secretario geral da perfeitura da Beira Baixa, para que foi nomeado em 7 de junho de 1834.

Mudando o decreto de 18 de junho de 1835 as perfeituras em governos civis, foi José Silvestre Ribeiro nomeado secretario geral do governo civil de Castello Branco, passando depois a exercer interinamente o logar de governador civil de Portalegre.

Nova. Onde o terremoto fez, principalmente, mais estragos, foi na Villa da Praia da Victoria, pois os 262 fogos de que se compunha, ficaram quasi todos arrasados e os seus habitantes, em numero de 3:000, sem habitações, aggravada ainda esta triste situação, pela fome que sobreveio como outra calamidade.

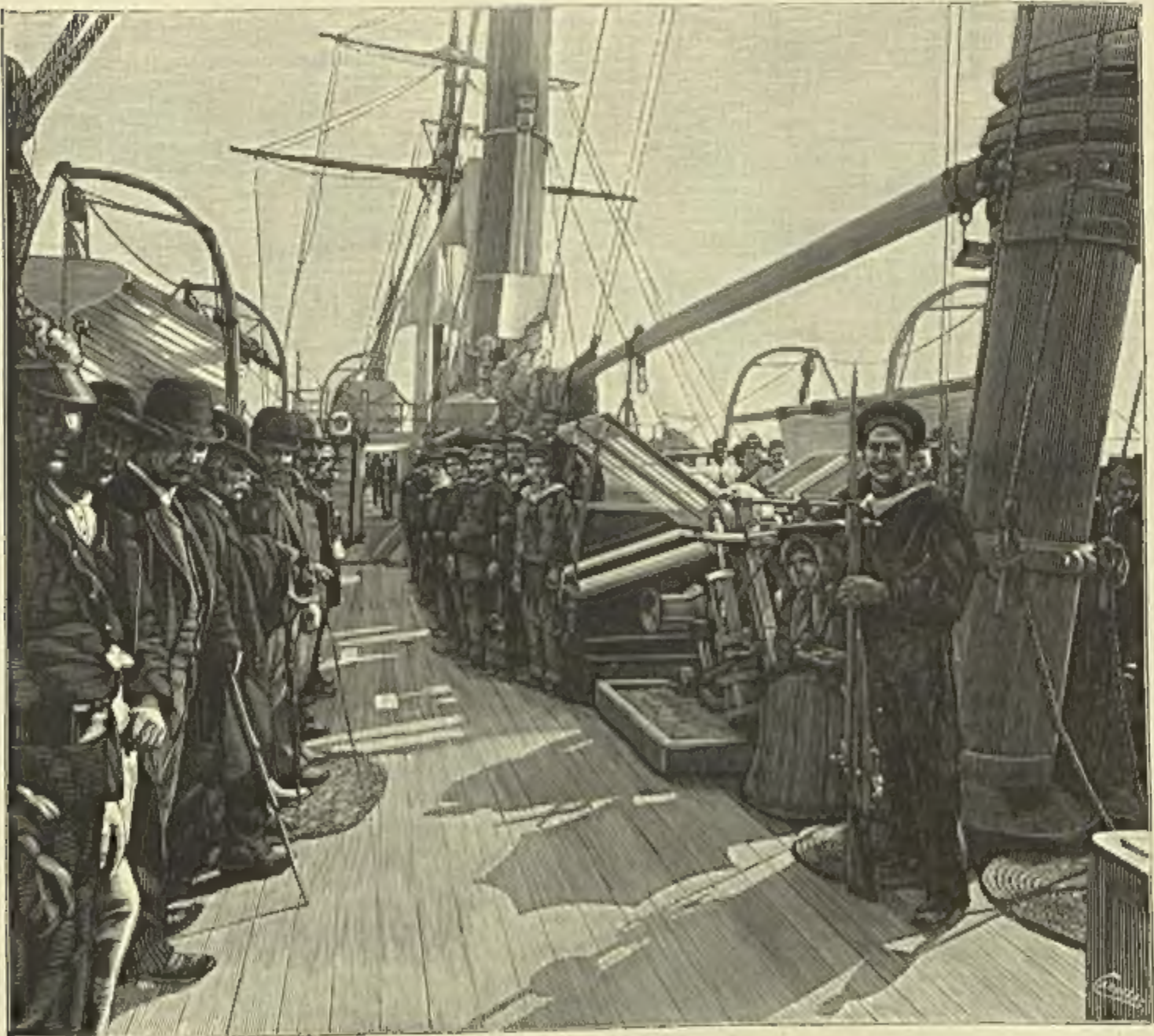
E' facil avaliar as difficuldades e a penosa situação de uma auctoridade administrativa, em presença de uma catastrophe d'este vulto, e quanta dedicação e energia seriam precisas para remediar, tão prompto quanto possivel, todos estes males.

a reconstrucção de grande numero de habitações na Villa da Praia da Victoria, 77.692$657 réis.

E foi assim que elle conseguiu levantar d'entre as ruinas uma nova villa, sendo para aquelle povo o mesmo que o grande ministro de D. José I foi para Lisboa, e para que a gratidão do povo ficasse bem memorada por tão grande beneficio recebido, quiz o mesmo povo perpetual-a n'um modesto, mas sincero monumento, erigindo sobre um pedestal a estatua do benemerito José Silvestre Ribeiro.

E' da mais honrosa recordação a exposição que a camara municipal da Villa da Praia da Victoria

A REVOLTA MILITAR NA CIDADE DO PORTO

OS CONSELHOS DE GUERRA

OS PRESOS A BORDO DO TRANSPORTE «INDIA»

(Segundo uma photographia de Emilio Biel & C.ª)

Pelas modificações que a revolução de setembro trouxe á constituição, foram mudados, em 1838, os logares de governadores civis no de administradores geraes, e n'este cargo passou José Silvestre Ribeiro para o districto de Angra do Heroismo.

Este governo da Ilha Terceira é um dos maiores padrões de gloria de José Silvestre Ribeiro como auctoridade administrativa, como homem de coração em que a actividade incansavel eguala a sua coragem, na presença da maior das calamidades que pode cahir sobre um povo.

Tinham decorrido uns tres annos que José Silvestre Ribeiro administrava o districto de Angra do Heroismo quando, a 15 de junho de 1841, um terremoto destruiu parte da Villa da Praia da Victoria, Villa de S. Sebastião, Fonte do Bastardo, Fontinhas, Lages, Agualva, Cabo da Praia e Villa

Pois essa dedicação e energia teve-as José Silvestre Ribeiro, lembrando-se talvez do grande Marquez de Pombal quando, em presença da formosa Lisboa convertida em um monte de ruinas disse, respondendo aos que lhe perguntavam que se devia fazer no meio de tanta desgraça: «Enterrar os mortos e cuidar dos vivos».

E dos vivos cuidou logo José Silvestre Ribeiro, tratando primeiro que tudo de acudir á fome que se alastrava pelo seu povo, emquanto mandava fazer algumas barracas para abrigo dos desventurados habitantes da ilha.

A sua influencia junto do governo da metropole foi incançavel para obter os mais promptos soccorros de toda a especie, e não menos incançavel foi dirigindo-se ás corporações particulares e até ao estrangeiro, promovendo subscripções e outros donativos com o que conseguiu reunir para

derigiu á rainha a Senhora D. Maria II, pedindo a conservação de José Silvestre Ribeiro no governo do districto. Esta exposição é a synthese dos serviços prestados por este benemerito áquelle povo, e é a publica confissão que esse mesmo povo faz dos beneficios recebidos.

Ella:

«Todos, senhora! perderam seus lares: todos ficaram reduzidos á penuria: todos cobertos de amargura: todos rodeados de afflicções olhavam de longe com lagrimas de sangue para o logar a que com ufania chamavam — Villa — e sua casa, mas que não viam mais que um montão de ruinas!! Os mais miseraveis, os mais indigentes foram os primeiros que attrairam os desvellos e roubaram a attenção do seu bem feitor.—A paz, a concordia, a harmonia, e a moderação por tan-

tas vezes recommendadas nas suas consoladoras exhortações foram outros tantos beneficios que estes povos colheram.—Incansavel em visital-os em seus novos lares, não cessa de se empregar no seu bem estar.—A camara, senhora, não pode abranger nas suas curtas ideias a descripção dos beneficios que todos os povos d'este municipio teem recebido e continuam a receber do seu governador civil.—A nossa villa acha-se reedificada com mais elegancia que d'antes tinha.—Tudo, senhora, se deve a este grande homem: foi elle o que fundou os primei os alicerces da nova villa, foi elle que a concluiu, seja elle pois quem receba as recompensas de tantas fadigas pela conclusão de esta grande obra, que immortalisará seu nome nas paginas da vindoura historia, e a quem a nação deve de render os maiores serviços.»

(Continúa) *Caetano Alberto.*

A EXPOSIÇÃO DO GREMIO ARTISTICO

II

O sr. Condeixa, artista já bem conhecido do nosso publico, expõe apenas um quadro, representando o infante D. Henrique no seu gabinete de trabalho em Sagres. O assumpto é deveras sympathico e nós felicitamos sinceramente o artista pelo feliz successo que galardoou o seu trabalho. El Rei adquirio esta tela, manifestando o seu apreço pelo sr. Condeixa e dando assim um estimulo aos que se dedicam á pintura historica.

Isto posto, permitta-nos o author do «Infante D. Henrique,» algumas considerações sobre a sua obra, que traduzem, apenas o desejo que temos de o vêr na seguinte exposição, figurar mais á altura dos seus incontestaveis merecimentos.

Todos mais ou menos classificam de pobre o seu trabalho, e com razão. Esta téla é pobre ate na pintura que não tem um unico trecho que nos encante. E' uma pintura hisitante de quem principia e o sr. Condeixa não é um *novo*. Pelo que diz respeito a desenho, achamos extraordinario que um artista que alcançou fama de dezenhista correcto, pratique erros como os que se notam no quadro de que nos estamos occupando. Ha uma falta geral de proporções em toda a figura, e sobre tudo o braço esquerdo do «Infante» é curtissimo e nem feitio tem.

Alem disto o quadro tem por assim dizer apenas um plano, não conseguindo o artista dar-lhe fundo pela janella d'onde se avista o mar. De resto, ali as dimensões da tela foram mal escolhidas, pensamos nós. Se a escolhesse maior ou menor evitaria assim que a sua figura nos desse a perfeita impressão de um boneco.

Achamo-nos agora em presença do sr. Ramalho que expõe entre outros um retrato o n.º 117 que chama a attenção do publico pela belleza do colorido e primoroso do toque.

E' pena que este artista possuidor de tão notaveis qualidades que a cada passo nos revelam as suas telas, abuse por vezes de detalhes, que se não conseguem destruir completamente a sua obra, por vezes a compromettem gravemente.

Assim o retrato de Madame *** é deveras prejudicado por esta circumstancia O sr. Ramalho pintou um excellente fundo e um bello tapete mas não attendeu a entoação geral do quadro, e a figura morre no meio d'aquelles accessorios. Alem disto o retrato é mal illuminado e d'ahi resultam effeitos na verdade desagradaveis.

O n.º 118—Retrato do sr. Abel Acacio—como entoação geral agrada-nos mais, apezar do abuzo deveras irritante de detalhes nos accessorios que n'esta tela attingem taes proporções que não sabemos ao certo se contemplamos o retrato do primoroso escriptor se um interino chino-europeo. O Retrato assim é inadmissivel como obra d'arte e bom gosto, e faz-nos lembrar essas photographias reles dos lapuzes que expõem á admiração boçal da familia e do sr. regedor, os grilhões do relogio e os anneis accumulados em todos os dedos das mãos lorpamente espalmadas sobre os joelhos.

Do sr. Ramalho notaremos ainda a «*Porta de Moura em Evora*», que tem bastante luz, mas que é demasiado cru e algum tanto feito de *chic*.

O sr. Salgado é talvez o artista que expõe maior numero de quadros e quer-nos parecer que teria muito a lucrar com a auzencia de alguns, taes como por exemplo o n.º 131 «*Flores do Campo*», e os n.ºs 139 e 140, que bastante prejudicam outros trabalhos em que mostra quanto tem aproveitado e de quanto é capaz.

Notámos com prazer n'este artista accentuadas tendencias para a grave e correcta escola franceza e o abandono da espalhafatosa escola hespanhola que tanto caracterisava a primitiva maneira do sr. Salgado.

Estas tendencias percebem-se claramente sobretudo no quadro n.º 133 «*Velhice*», tão bem feito, que apezar da insignificancia do assumpto, consegue captivar-nos pelo sentimento e correcção da figura principal, um velho que absorto, em extasi religiosa propria da edade, contempla as ruinas de uma velha igreja bretã.

A «*Orphã*» é outra tela em que Salgado manifesta as suas qualidades, mas que nos parece uma infeliz imitação de J. Breton. A este trabalho preferimos o estudo «Cabeça de rapariga bertã,» que é simplesmente admiravel como desenho e pintura. Este estudo e o outro representando uma cabeça de varina, demonstra que Salgado produz melhor quando se limita apenas a copiar do natural.

Realmente é pena que ao seu *savoir faire* não allie o artista uma imaginação mais fertil que o impeça de nos apresentar télas como as «Flores do Campo,» e que o habilite a fugir das imitações, pois muito embora os modelos sejam dos mestres, sempre são imitações.

Até hoje ainda não conhecemos um unico trabalho de Salgado que não se resinta da sua pobreza d'imaginação. Em todos elles vemos dominar a inspiração alheia a que o artista pareça recorrer sob pena de cahir na banalidade. E' pena, repetimos, tanto mais que o novo caminho encetado por Salgado é dos melhores. Se insistimos n'este ponto, que de certo não será muito agradavel ao novel artista, é porque o julgamos em tudo capaz de produzir melhor e pelo desejo que temos de o vêr honrar a sua arte sem o minimo *senão*.

Da sua primitiva maneira notaremos o «Retrato do esculptor Teixeira Lopes» menos correcto, mas com que o publico mais parece sympathisar. Isto explica-se naturalmente pelas dimensões da tela e pelo espalhafato dos accessorios. O nosso publico em geral não sabe vêr e tanto assim é que, ao passo que pára, olha e admira Teixeira Lopes no seu *atelier*, não tem sequer um momento de pausa, um sorriso de satisfação que nos suggere sempre uma obra finamente artistica, para aquella «Rapariga italiana» o delicadissimo modelo tão fino e correctamente pintado.

A. A.

UMA LICÇÃO DO AVÔ

Conto social

(Concluido do n.º 441)

O neto estava attento áquella noticia geographica, e ia mentalmente repetindo os nomes e fixando as datas. Augmentava o seu pequeno capital d'instrucção.

— Logo que ali se estabeleceram, seguiu o avô, entrou o moço ao serviço d'um negociante. Construiu elle mesmo o barco para o transporte das mercadorias do patrão. Fez novas viagens, procurando e conseguindo desenvolver o espirito por esforços aturados constantes. O coração estava n'elle á altura do espirito. Em 1832 rebentou a guerra com os indios, que primitivamente haviam occupado aquella região. O nosso rapaz, que já áquelle tempo era um homem de 25 annos, assentou praça como voluntario, e arrastou comsigo toda a mocidade do paiz, que o acclamou capitão.

Lulu bateu as palminhas, poz-se de pé, pulou, gritou... conhecia-se que uma commoção d'enthusiasmo o dimanava todo, embargando-lhe até a articulação da palavra.

O avô sorria de contente e esfregava as mãos rapidamente, com força, fazendo estalar as articulações dos dedos.

Era a sua manifestação habitual de regosijo.

— Concluida a paz, continou o avô, accentuando muito as palavras, estudou mathematica e fez-se engenheiro.

— Que homem de talento, avosinho; quem me dera ser assim.

— D'essa massa é que se fazem os grandes homens; o nosso dever é imital-os, seguir-lhe nas piugadas, trabalhando como elles: se não podermos alcançal-os aproximamo-nos d'elles o mais possivel... Nas eleições de 1834 os eleitores de Illinois honraram-o com uma cadeira no parlamento da assembléa provincial.

— Bravo, exclamou o pequerrucho, aos pulinhos, muito satisfeito, muito alegre; agora deputado!

— Sim, mas não julgues que a vaidade o fez parar no caminho da illustração e do estudo; ao contrario, emquanto desempenhava o mandato parlamentar cursava os estudos de direito, e, passado pouco tempo, era um advogado muito distincto. Ao completar vinte oito annos fazia a sua estreia no tribunal judicial, depois de ter sido successivamente lenhador, barqueiro, caixeiro, soldado e engenheiro.

O avô fez uma pausa: o pequeno entendeu que estava concluido o conto, e disse com pesar:

— Acabou?

— Não, ainda não. Vinte e tres annos depois, no meio de um enthusiasmo universal, os cidadãos do novo mundo elegeram o antigo rachador de lenha presidente da republica.

— Ah! sim, sim, disse o pequeno, era Abrahão Lincoln! Já o devia ter conhecido. O avô, que tantas vezes me repetiu e ensinou o seu nome, nunca me contára a historia da sua infancia.

— Sim, meu filho, é esse a quem os Estados Unidos d'America do Norte deveram o fim da guerra civil e a abolição da escravatura.

— Que homem tão notavel! Que genio!... Deveria ser muito feliz.

— Foi-o, decerto, até muito proximo do termo da vida; n'um momento, porém, levantou-se-lhe no caminho da existencia um d'esses obstaculos, que o homem não pode prevêr, mórmente quando a alma está tranquilla e o coração satisfeito e alegre pela consciencia propria de só ter praticado o bem, e contribuido com todo o capital das suas faculdades para a felicidade do seu paiz.

Uma noite, o ceu estava brusco; nuvens negras encastellavam-se no horisonte, dando uns tons escuros, muito esbatidos, no fundo da abobada celeste, coloridos de tempos a tempos por uns lampejos côr de fogo, produzidos pelos choques das correntes electricas, que se accumulavam no espaço.

Densos nevoeiros de neblina humida envolviam como n'um véu de gaze transparente os candieiros da illuminação publica, que, apenas, e a custo, podiam irradiar alguma luz.

O vapor da respiração condensava-se na atmosphera, não podendo elevar-se n'ella pela maior densidade das camadas superiores.

Não se distinguia um vulto a dois passos de distancia.

Davam duas horas nos relogios das torres, e o som metalico dos sinos mal se propagava em ondulações vagarosas nas camadas do ar empregnadas de humidade.

Apesar, porém, do mau tempo Abrahão Lincoln não se dispensou do invariavel costume de precorrer a pé por noite velha alguns dos bairros da cidade.

Caminhava de vagar, com passos pouco certos, automaticos, semilhante ao cego que leva adiante o bordão para não tropeçar no caminho, para evitar o encontro dos que passam ou as esquinas das ruas que se cruzam.

Ia só, mas sereno de espirito. O pensamento da desgraça não lhe anuviava o coração.

Alguns clubs secretos conspiravam contra elle, mas, se o incorruptivel tribunal da sua consciencia approvava todos os actos da sua vida publica, porque temer?

Alguns ambiciosos?! Que importa! não são elles de todos os tempos? Impedem elles, porventura, que o mundo marche na sua rotação constante?

De repente parou: d'um recanto, onde as trevas eram completas, destacou-se um certo vulto, que correu precipitadamente sobre Lincoln, e... n'um momento, o punhal d'um fanatico poz termo áquella existencia, que tanta honra dera á humanidade...

Lu-lu, n'um acto de desespero, os dentes cravados no labio inferior, o olhar incendido pela colera, atirou ao chão a cadeira em que estava sentado, e deitou a correr como louco, em direcção ao jardim, para afogar a sua indignação contra o cobarde assassino do homem, que do nada se erguera até á missão de libertador!

O velho ficou por momentos atordido em presença da inesperada resolução do neto. Levantou as mãos á altura da cabeça e permaneceu assim até que duas lagrimas vieram marejar-lhe nos olhos.

Commovia-o a contemplação d'aquella alma infantil já tão bem formada.

Passado pouco tempo ouvia-se no jardim o som discorde d'uma trompa soprada com frenezi.

Era Lu-lu que voltava á sua vida de creança, ao fidar desenvolto da juventude descuidada, ás retonças de rapaz traquinas.

A. Motta.

REGRETS !!!

Qu'ils seront longs ces jours d'absence !
O jours de deuil et de souffrance,
Je sens déjà frémir mon cœur
D'avance
Comme à l'aspect d'un grand malheur
J'ai peur.

Pendant que tous dans l'allégresse
Saluent ces jours avec tendresse,
Je les vais tous voilés de noir:
Tristesse!
Car ne je pourrai plus le voir,
Le Soir

J'ai beu visiter sa chambrette
Et chercher des yeux la couchette
Où la nuit, un ange reposait
La tête
Je ne vois qu'un vide parfait
Regret.

Francisco Peixoto e Bourbon (Linduso).

Coimbra, 4-3-91.

NOVIDADES DA SCIENCIA

Lampadas de incandescencia. — Annuncia a sciencia a apparição de uma nova lampada de incandescencia,—que a verificarem-se os resultados que se esperam—ella virá marcar um novo passo no aperfeiçoamento d'estes apparelhos. O filamento d'esta nova lampada é constituido do silicio.

Todas as lampadas modernas são formadas de uma parte central (*alma*) de carvão, proveniente da calcinação d'uma fibra vegetal sobre a qual se obtem um deposito de carbone puro e brilhante pela decomposição d'um hydrocarboreto. Na lampada Langhans o amago (*alma*) é constituido por uma fibra vegetal de tres fios, depois secca e impregnada de saes de base terrosa.

Em seguida à calcinação, essa fibra é collocada em vaso bem fechado. Faz-se o vacuo, introduze-se um composto de silicio em vapor e lança-se a corrente na fibra que se cobre gradualmente d'um deposito de silicio. Depois é dispôr essa fibra como de ordinario e nada mais.

Attribue-se propriedades notaveis a estas lampadas. Alem d'ellas não exigirem um vacuo tão perfeito como as lampadas de filamentos de carbone, bastaria—diz-se—abaixar a pressão a 1 m. m de mercurio, pressão á qual o fio de carbone é destruido em alguns instantes.

Alem d'isso, segundo o inventor, a inoxydabilidade do silicio será muito maior. De resto a conductibilidade do silicio seria perfeitamente comparavel á do carvão.

Os resultados do ensaio dão um consumo de 2,75 w. por bogia para as lampadas assim construidas.

Producção directa do aço do minerio de ferro. —Nos Estados Unidos está se actualmente estudando um processo para a producção directa do aço de minerio de ferro pelo systema Conley-Lencaster.

Esse processo consiste em reduzir os mineraes magneticos a pó finissimo, concentral-os depois por meio de apparelhos magneticos, e a reduzir directamente o minerio concentrado contendo de 68 a 70 p. c. de ferro metalico em pequenos fornos desoxydantes passando-o depois para outro forno de pressão. Esses fornos, postos em communicação uns com os outros, vem praticamente, a constituir um só corpo, segundo o principio dos regeneradores Siemens.

Os inventores dizem poderem produzir cada tonelada de varetas o barras de aço por preço tão baixo que sairá por menos de 29 dollars a tonelada que, de ordinario, é vendida nos Estados Unidos por cerca de 36 dollars.

A installação das officinas sae baratissima porque só póde a construcção de pequenas fornalhas.

Acaba de estabelecer-se em Brewster (Estado de Nova York) uma officina que põe no mercado cada tonelada de varetas d'aço por 19 dollars ou 18$000 réis em nossa moeda.

O Chicle. — O *chicle* é a materia prima que empregam os americanos para fabricar a *neptunina*, que serve para tornar impermeavel toda a especie de tecido.

Esta gomma não é produzida unicamente pela *zapota*; extrae-se tambem d'uma planta da familia dos asclepiades, que se chama no Mexico *yerba del chicle*. A erva do chicle nasce em terra rija, no estado silvestre, e sua cultura, que é das mais faceis, apresenta vantagens consideraveis porque do succo que d'ella se extrae se faz um verniz mais denso e menos duro que o caoutchouc.

Os indios, principalmente os Otomias dão-se á extracção do chicle nos estados de Tlaxcala, de Puebla e de Hidalgo.

Eis, segundo a *Revue de chimica industrial*, o processo que elles empregam, e que parece ser dos primitivos.

Começam por moer, ou reduzir a bocadinhos a erva; depois a esmagam para concentrar o succo, por meio do calor até a um certo grau de densidade que se deseje. Lança-se em seguida a substancia em fornos, d'onde sae esfriando em forma de pães ou pedaços quadrilongos. E' n'esta forma que o chicle é entregue ao commercio.

Segundo as informações colhidas pelo ministerio das obras publicas e de agricultura de França sabe-se que esta erva cresce em abundancia nas planicies arenosas de Tlaxcala, Huamantla e Apam, achando-se egualmente nos arredores de Napalucan, Tocuba e Tecoac.

O telephone em Berlim. — Em cidade alguma do mundo o emprego do telephone se tem desenvolvido tanto como em Berlim.

Diz o *Moniteur Oriental* que em 17 de janeiro passado se collocaram 15:000 apparelhos de recepção.

A collocação da rêde subterranea dos conductos importou em dois milhões de marcos, *o ensemble* dos fios conductores passa de quatro milhões de metros e a extensão total dos conductos é de cerca de quarenta e dois milhões de metros.

Em breve Berlim possuirá a rêde telephonica a mais completa e perfeita que ha no mundo.

Soldagem do vidro e da porcelana com os metaes. — M. Cailletet fez conhecer á Sociedade Franceza de Physica um processo de soldagem do vidro e da porcelana com metaes que permitte adoptar aos apparelhos metalicos uma justa posição metalica qualquer, torneira, tubo de communicação, fio conductor, etc.) de maneira a evitar toda a fuga, mesmo em pressões elevadas.

O processo de soldagem é dos mais simples: cobre-se primeiramente o tubo no sitio onde elle deve ser soldado com uma pequena camada de platina. Basta para obter esse deposito passar ligeiramente um pincel pelo vidro quente, de chloreto de platina bem neutra misturada de oleo essencial de camomilha. Faz-se evaporar lentamente a essencia e quando os vapores brancos e odoriferos cessam de produzir-se eleva-se a temperatura até ao rubro escuro: a platina se reduz então revestindo o tubo de vidro d'uma camada metalica e brilhante. Fixando ao polo negativo d'uma pilha de energia conveniente o tubo assim *metalisado* e collocado depois n'um banho de sulfato de cobre, depõe-se sobre a platina um annel de cobre que deve ficar maleavel e bem adherente se a operação for convenientemente conduzida.

N'este estado o tubo de vidro recoberto de cobre pode ser tratado como um verdadeiro tubo metalico e soldado por meio do estanho, do ferro, do cobre, do bronze, da platina, emfim de todos os metaes que se alliem á soldagem do estanho.

A resistencia e a solidez d'esta soldadura são muito grandes. M. Cailletet provou que um tubo do seu apparelho de liquifazer os gazes cuja extremidade superior havia sido fechada por este systema resiste ás pressões interiores de mais de 300 atmospheras.

Pode substituir-se a platinagem do tubo pela de prata, que se obtem sem difficuldades aquecendo até ao rubro o vidro coberto de nitrato de prata. A prata assim reduzida adhere perfeitamente ao vidro, mas ensaios aliás numerosos teem feito preferir a esta a platinagem, como mais solida e mais perfeita.

Torrefacção raccional do café. — Todos sabem a importancia que tem o café na alimentação: ella é quasi egual á do leite e do alcool. Muitos ignoram as falsificações, as sophisticações a que é sujeito o grão torrado.

A torrefacção effectua-se a 210 a 220 graus e faz perder ao café verde 20 por cento de cerca do seu pezo entretanto que faz desapparecer 23 por cento da quantidade (1,18) de cafeina e transformar em materias extractivas (*cafeone*) a quasi totalidade das gommas e materias sacharinas.

O café torrado céde á infusão na agua em ebulição 25 por cento de seu peso de materias soluveis as quaes representam o valor integral do café.

Em 80 grammas de café ha 20 grammas de materias soluveis assim divididas.

Cafeina (alcaloide do café, principio activo fervente a 167 graus)........	0,880
Cafeone (oleo empyreumatic aromatico).	8,200
Materias azotadas nutritivas..............	7,680
Materias gordas coloriferas.............	2,780
Materias mineraes.........................	0,460

Adoptando aos torradores actuaes, e seguindo o methodo raccional e scientifico, um *trieur* (separador) *de vapores*, o engenheiro Mr. de Rosiers, conseguiu conservar a cafeina no café torrado e augmentou em 5 por cento a quantidade de materias soluveis, ou seja 25 por cento do valor integral do café.

E' já um resultado importante que foi affirmado pela faculdade de medicina, e que foi notado pelo jury das recompensas na Exposição Internacional das Sciencias e das Artes de Paris, a qual concedeu ao novo producto a medalha de ouro e o diploma de honra.

Precauções a tomar contra os perigos da electricidade. — As correntes de alta tensão apresentam, para aquelles que lidam com ellas directamente, certos perigos, contra os quaes é facil de se precaverem, observando-se certas regras, muito sabiamente formuladas pelo professor Henrique Morton na ultima sessão da *American Electric Light Association*.

Como essas regras apresentam uma tal ou qual importancia pratica com respeito ao desenvolvimento sempre crescente das applicações das correntes de alta tensão, julgamos util reproduzil-as.

1.º Não agarreis em fio algum, e livrae-vos de tocar em qualquer apparelho electrico se tiverdes os pés em terra, ou o corpo em contacto directo por um ponto qualquer com algum objecto de ferro, tubos de agua ou de gaz, construcções de tijollos ou de argamassa, etc., a menos que não tenhaes as mãos garantidas por luvas de cautchouc, ou que não façaes uso de utensilios isoladores reconhecidos como bons, ou em bom estado de isolação pelo electrista, ou outro qualquer empregado competente.

Se, em todo o caso, fôr absolutamente necessario, pelas condições do trabalho, terdes os pés no solo, então acautelae-vos com sapatos solados de cautchouc e fazei esses trabalhos com utensilios protegidos de cabo isolador.

2.º Nunca toqueis em um fio electrico ou apparelho com as duas mãos, mas todas as vezes que isso se tornar possivel, ou se fôr necessario empregar ambas as mãos, será preciso primeiramente verificar que não haja corrente sobre a linha e que ambas as mãos—ou, ao menos uma d'ellas—sejam protegidas por luvas de cautchouc.

3.º Ao tocarem-se os fios dever-se-ha ter em conta cada um d'elles como conductor de corrente perigosa, e, em caso algum, guardae-vos de estabelecer contacto immediato entre ambos ou entre muitos fios ao mesmo tempo.

4.º Não corteis nunca um fio em serviço sem ter previamente advertido o director da officina, ou installação, ou qualquer outra pessoa encarregada de vigiar a canalisação; fazei com que a ruptura do circuito seja feita primeiramente na estação central e que esse circuito não seja de novo fechado sem que tenhaes dado aviso que o vosso trabalho na linha está completamente terminado.

5.º Não toqueis nem em carrete, nem em dynamo, nem em apparelho algum que estejam dispostos no solo das machinas, sem que estejaes perfeitamente ao facto do funccionamento, ou do modo de emprego d'esses apparelhos.

6.º Os utensilios empregados pelos operarios que trabalham nas linhas, devem ser munidos de cabos isoladores, feitos de ebenite, ou qualquer outra substancia perfeitamente isoladora.

E' o dever de todo o bom operario verificar se todos os utensilios estão em bom estado e preenchem as condições necessarias de isolamento para sua propria segurança.

Nas linhas aereas deverá existir um intervallo de 20 pollegadas pelo menos (50 c. m.) entre os supportes dos fios dispostos sobre os braços horisontaes montados em os postes, afim de qualquer operario poder facilmente supprir a falta d'esse poste e n'elle trabalhar sem perigo.

7.º Os operarios encarregados de manter as lampadas, devem, antes de tocar n'estas e de as metter no circuito assegurar-se que o acomulador esteja aberto.

Estas regras podem servir de util indicação em todas as installações nas quaes se faça uso das cor-

rentes alternativas com transformadores ou com lampadas de arco em serie. São ellas principalmente de uso especial no emprego das linhas aereas.

S. P.

REVISTA POLITICA

Addiamento, dictadura, crise, reunião do conselho de estado, são as palavras que em letras grandes encontramos a dar titulo aos artigos de fundo ou outros, nos varios jornaes politicos da capital e provincias, e sendo estas palavras de grave e pesada significação politica, nem por isso os taes artigos se accendem em grandes indignações apparatosas como n'outros tempos, e ao contrario deslisam na mais benigna complacencia, mansamente, tudo para não levantar difficuldades ao governo.

Antes assim.

Os addiamentos do parlamento são a marcha normal dos governos ha muito tempo, que principiando por addiarem o remedio a todas as causas que teem levado a nação a este estado, acabam por addiar o mais que podem a reunião das côrtes, porque estas tambem vão entrando em o numero das coisas que convém addiar.

As dictaduras tornaram se uma consequencia necessaria dos successivos addiamentos do parlamento, e em dictadura tem sido decretadas quasi todas as leis modernas, levando ao espirito publico as mais fundadas duvidas sobre a natureza das instituições que nos regem.

A respeito de crises ministeriaes é coisa tão vulgar que cahiu na banalidade, e se o governo estar em crise ou deixar de estar não fosse coisa inteiramente indifferente á maior parte do publico, a frequencia com que se dão estas crises, fez perder todo o effeito que ellas costumavam produzir entre aquelles que teem a ganhar ou a perder com as evoluções dos governos.

Só se acreditam quando deixam de existir, isto é, quando os governos cahem.

Agora o conselho de estado é que não estava tanto nos usos quotidianos dos governos, e por isso principiou a causar certa impressão as primeiras vezes que reuniu com frequencia, e por cada reunião que havia circulavam logo no publico boatos mysteriosos, de complicações internacionaes, de golpes de estado, de coisas do arco da velha, e afinal repetia-se a fabula da montanha e do ratinho.

E eis como as coisas mais mysteriosas chegam a não provocar a mais ligeira curiosidade e a passarem á maior indifferença.

O conselho de estado tem reunido a proposito de tudo, o que não quer dizer que tenha tido muitas questões transcendentes que resolver, mas simplesmente que o governo não sabe o que hade fazer, exita a cada passo em tomar a responsabilidade dos seus actos, e então conselho de estado te valha.

Assim temos tido em seis mezes mais reuniões do conselho de estado que em seis annos, e só a abertura e fechadura do parlamento e os addiamentos do dito, tem dado um bom contingente para aquellas reuniões.

Ainda esta ultima reunião que se realisou hontem, foi para addiar a abertura do parlamento para 4 de maio.

Consta que o conselho não estava muito resolvido a approvar o addiamento, por não o julgar necessario em vista da attitude benevola dos partidos, mas o governo teimou em que precisava as camaras fechadas por mais um mez e o conselho não teve remedio que fazer-lhe a vontade, para não haver crise.

Diz-se que este mez que o governo pediu de ferias parlamentares, é para arranjar grandes medidas economicas que deixarão a perder de vista as do bispo de Vizeu, que Deus haja.

Se assim fôr, só lembramos uma coisa ao governo, e é que faça economias sem cercear os proventos de ninguem, muito especialmente dos que mais receberem do thesouro e menos trabalho lhe derem em troca, porque de contrario tem para ahi uma opposição que acaba com todas as benevolencias de que tem sido objecto.

Começam todos a achar muito justas as economias menos as que lhe tocarem pela porta, e afinal alguns hão-de ter razão, e os que mais razão tiverem serão os menos attendidos, o mesmo é que dizer os pequenos.

As economias já não veem sem tempo, cremos mesmo que o actual governo devia ter principiado por ellas, como meio de equilibrar as finanças, e garantir o futuro, como aqui dessemos na nossa ultima revista, mas emfim mais vale tarde do que nunca.

E uma vez que se trata de economias lá vai um exemplo que póde aproveitar, e de que nós fomos testemunhas. Um nosso velho amigo tão economico como austero, levava a roupa para a viagem, em caminho de ferro, dentro d'um saco forrado, mas reparando que a bagagem tinha mais peso do que o da tabella gratuita, lembrou-se de tirar o forro ao saco e assim evitar de pagar o excesso do peso.

Afinal dizia-nos muito triste: estraguei o saco, e paguei da mesma maneira.

E para não deixarmos de dar alguma noticia a respeito da questão ingleza, diremos que nada se sabe do estado das negociações, apesar de sobre ellas terem corrido varios boatos que tanto são favoraveis como desfavoraveis, e no entanto o *modus vivendi* termina em maio proximo e lord Salisbury foi desopillar o figado para Cannes.

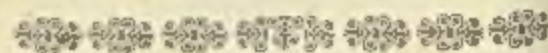
Com respeito ao apresamento do vapor inglez a que nos referimos no fim da nossa revista passada, o gabinete de S. James entupiu... e nada.

Parece nos que ficamos mal com o que dissemos nas ultimas palavras da nossa citada revista.

Os homens não bebem mais vinho!

João Verdades.

O VAPOR «MAC-MAHON» QUE APRESOU O VAPOR INGLEZ «COUNTESS OF CARNARVOU» NO RIO LIMPOPO

(Desenho de J. Pardal)

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

O CANTO DA LIGA. — Musica de Martins da Motta e letra de Ricardo de Sousa. Hymno offerecido á *Liga das Artes Graphicas* pelo pessoal da Casa Adolpho, Modesto & C.ª

A musica é bonita, pois já tivemos occasião de a ouvir, e a letra do sr. Ricardo de Sousa collaborador do OCCIDENTE, revela-nos todo o enthusiasmo de um poeta que é ao mesmo tempo um filho de Guttenberg. Eil-a:

Eia! Avante! collegas, amigos,
Que na terra espalhaes a instrucção,
E mostraes os brilhantes artigos
Da mais pura e ridente união,
Possa um dia mostrar aos vindouros
Quanto em nós é a Idéa avançada,
E que a *Liga*, por ella creada,
Do Trabalho nos abra os thesouros.

Avante! Avante!
Vós que espargis o Bem.
Avante! Avante!
Pela Arte nossa mãe.

É tão nobre e honrosa a missão
Que o graphico tem a cumprir,
Dá ao homem Sciencia e Razão,
Faz-lhe ver o risonho provir,
Instruir é rasgar horisontes
Onde existem segredos profundos,
E abrir com a Luz novas fontes,
E crear n'este mundo outros mundos.

Avante! etc.

Eia! pois! é seguir bem unidos,
Que a Verdade o Direito reforça,
Escutae estes brados sentidos,
E mostrae que a *União faz a Força*.
Não deixeis baquear a Historia,
Sustentae o Dever em commum.
Seja o grito que leve á victoria:
Um por todos e todos por um!

Avante! etc.

Adolpho, Modesto & C.ª — Impressores
Rua Nova do Loureiro 25 a 43